



MAL-ESTAR DOCENTE: DAS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA À COMPREENSÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA

*TEACHER MALAISE: FROM THE CONTRIBUTIONS OF LITERATURE TO THE
UNDERSTANDING OF A RESEARCH PROBLEM*

*MALESTAR DOCENTE: DE LAS CONTRIBUCIONES DE LA LITERATURA A LA
COMPRENSIÓN DE UN PROBLEMA DE INVESTIGACIÓN*

Marlova Gross da Silva

E-mail: marlovagross44@gmail.com

Gilberto Ferreira da Silva

E-mail: gilberto.ferreira65@gmail.com.br

Universidade La Salle - UNILASSALLE

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender como se movimentam as discussões e o que aportam ao universo dos estudos sobre mal-estar docente. Recorre-se ao Banco de teses da Capes, contemplando um período de cinco anos (2015 a 2020) para produzir o levantamento. Amparados na perspectiva dos estudos, do tipo estado da arte ou revisão de literatura, buscou-se pela análise, selecionar produções que pudessem evidenciar contribuições à área de interesse. Lançamos mão da Análise de Conteúdo, preconizada por Bardin, para a realização do tratamento dos dados. O comprometimento da saúde dos docentes é um fator que emergiu com ênfase entre as pesquisas analisadas. Dentre os resultados dos estudos salienta-se de um lado, saúde ocupacional, sintomas mentais, depressão e medicalização e, de outro, a aposta em uma formação continuada que reconheça o trabalho intelectual do profissional como algo inerente ao trabalho. Apostando no diálogo onde a horizontalidade se impõe como um princípio formativo direcionando a escola para um espaço de exercício autoral da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada; Mal-estar docente; Educação Básica; Escola Pública

ABSTRACT

This work aims to understand how the discussions move and what they contribute to the universe of studies on teacher malaise. Capes' Bank of Theses is used, covering a period of five years (2015 to 2020) to produce the survey. Based on the perspective of the studies, of the type of state of the art or literature review, it was sought by analysis, to select productions that could evidence contributions to the area of interest. We used the Content Analysis, recommended by Bardin, to carry out the data processing. The compromise of the teachers' health is a factor that emerged with emphasis among the pieces of research analyzed. Among the results of the studies, on one hand, occupational health, mental symptoms, depression and medicalization stand out, and, on the other, the bet on a continuing education that recognizes the professional's intellectual work as something inherent to the occupation. Betting on the dialogue where horizontality is imposed as a formative principle directing the school to a space for authorial exercise of the profession.

KEYWORDS: Continuing Education; Teaching Malaise; Basic Education; Public School

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se mueven las discusiones y qué aportan al universo de estudios sobre el malestar docente. Se utiliza el Banco de Tesis de Capes, que cubre un período de cinco años (2015 a 2020) para producir los datos. Con base en la perspectiva de los estudios del tipo estado del arte o revisión de la literatura, se buscó mediante el análisis, seleccionar producciones que pudieran evidenciar aportes al área de interés. Utilizamos el Análisis de Contenido, preconizado por Bardin, para llevar a cabo el tratamiento de datos. El comprometimiento de la salud de los docentes es un factor que surgió con énfasis entre las investigaciones analizadas. Otros resultados de los estudios, por un lado, destacan la salud ocupacional, los síntomas mentales, la depresión y la medicalización, y por otro, la apuesta por la formación continua que reconozca el trabajo intelectual del profesional como algo inherente al trabajo. Apostar por el diálogo donde la horizontalidad se impone como principio formativo dirigiendo la escuela hacia un espacio para el ejercicio autoral de la profesión.

PALABRAS CLAVE: Educación Continuada; Malestar docente; Educación básica; Escuela pública

INTRODUÇÃO

A sociedade atual encontra-se em transformação devido às constantes mudanças ocorridas no cenário político e social do mundo. No contexto atual, considerando inclusive a Pandemia provocada pelo COVID 19 em que a humanidade se encontra não existem limitações nem fronteiras para que desafios se apresentem em todos os campos de atuação profissional. Esta situação obrigou a um repensar e a um deslocamento do lugar clássico, e porque não dizer, confortável em que nos encontrávamos, foi necessário construir modos alternativos de lidar com o exercício das profissões e dos lugares onde elas acontecem. No campo da educação isso acirrou velhas questões que já vinham ocupando a preocupação de pesquisadores e de gestores, justamente no campo da saúde dos profissionais que atuam na educação.

No contexto escolar é possível perceber essa evidência na forma de mal-estar docente. As mudanças que ocorrem fora dos muros da escola ecoam dentro das salas de aula, revelando, como bem haveria de esperar o quanto a relação pedagógica, atualiza a velha e atual compreensão de que educação é uma intervenção que se dá de modo contextualizado e interligado aos aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos do contexto desde onde se atua. Para além desse aspecto, ainda importa destacar o quanto a educação ganha sentido com o “quem” e “entre quem” ela acontece. Os professores são os grandes protagonistas desta ação que ocorre nas instituições educativas e, portanto, também é aqueles a quem o nível de exigência e cobrança acaba por afetar de várias maneiras, dentre elas a saúde.

No entanto, a precariedade dos recursos que são disponibilizados para que este profissional possa dar conta da demanda que lhe é exigida, bem como da carga emocional que

carrega nos relacionamentos interpessoais e com a comunidade com a qual está trabalhando são mínimos diante do tamanho da responsabilidade que se espera que o docente assuma.

Tomamos neste trabalho como desafio compreender como a literatura, no campo da educação, vem tratando a questão do mal-estar docente no âmbito do desenvolvimento do exercício do magistério. Como se revelam? Como são traduzidas pela literatura e quais seriam as características e principais modos de enfrentamento que a categoria profissional docente vem construindo ou recorrendo para se manter atuante e em boas condições no trabalho? Estas são algumas das questões que acabam por mobilizar a curiosidade na execução deste trabalho. Penteado e Neto (2019) sintetizam de forma elucidativa como tem se revelado, no cotidiano, as formas de adoecimento da docência: “o mal-estar docente, a desvalorização do professor, a proletarianização do magistério e a identificação do trabalho docente ao sacerdócio” (p. 137|), de um lado e de outro estes mesmos autores ressaltam o quanto o investimento em pesquisas com características interdisciplinares ainda se constituem com lacunas.

[...] a ser preenchida por estudos que venham a tratar da problemática do mal-estar, dos sofrimentos e dos adoecimentos de professores sob perspectivas mais abrangentes e interdisciplinares e que busquem diálogo com a área de educação nas questões de formação de professores e de profissionalização docente (PENTEADO e NETO, 2019, p. 136).

Portanto, temos ciência que adentramos em um universo complexo que exigirá cuidados, tanto no tratamento teórico quanto de análise dos dados provenientes da estratégia que optamos por executar na realização deste trabalho.

ITINERÁRIO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O levantamento sobre a produção no campo do mal-estar docente, apoiando-se na perspectiva da revisão de literatura que procura verificar o que e quais respostas a produção na área indica para o problema em questão é uma das estratégias que tomamos por referência para proceder este estudo. A revisão ajuda a criar um contexto em que o tema se encontra. Metaforicamente poderia se aludir a ideia de que ao se propor fazer uma revisão, configura-se uma moldura na qual se conforma uma possibilidade de compreensão sobre um determinado problema ou fenômeno que nos interessa. Talvez em muito dialogando, de forma inspiradora, naquilo que Agamben (2019) descreve como sendo um processo de “retroceder no próprio

percurso até o ponto em que algo ficou obscuro e não tematizado” (p.08). Ao entrar em contato com o que a produção no campo revela nos permite com certo grau maior de veracidade, nos aproximarmos e verificarmos o quanto ainda podemos continuar avançando, ou então, o quanto podemos investir e em quais direções esse investimento deve ser orientado, quiçá, ao final do processo, de posse desta espécie da síntese, orientar outros caminhos, ou pelo menos ver melhor o que temos neste campo de estudos.

Para dar conta desse propósito, realizamos uma pesquisa no banco eletrônico de Teses da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior). Optamos por utilizar os seguintes descritores: mal-estar docente e educação básica, delimitando o período de 2015 a 2020. Foram analisados, de maneira qualitativa, os títulos, as palavras-chave e resumos das teses e dissertações, totalizando 44 produções. Após segundo investimento de análise, elegemos 22 dissertações e quatro teses, no total de 26 trabalhos. Consideramos, na análise dos dados, o contexto da pesquisa, os objetivos da pesquisa, a metodologia e resultados.

Para tratarmos as informações aproveitamo-nos das contribuições da Análise de Conteúdo, preconizadas por Bardin (2011). Nesse sentido a inferência e a interpretação são fases da análise propriamente, considerando o processo de categorização, que neste trabalho apresentamos no formato de três eixos temáticos. Tais eixos acabam por orientar o modo como se elaborou as sínteses da discussão encontrada.

Observamos que um conceito que perpassa as preocupações no campo dos estudos que envolvem o mal-estar docente é o da profissionalização da docência. Gimeno Sacristán compreende como “a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (1999, p. 65). Compreende-se que a profissionalidade docente tem fortes características interdisciplinares, permitindo ao profissional construir habilidades e competências para o exercício da docência (GORZONI, DAVIS, 2017).

Atualmente uma grande carga de responsabilidade tem sido impingida ao educador, em grande medida, extrapolando o seu campo de formação. Nessa direção, podemos pensar duas dinâmicas: uma primeira são aquelas exigências inerentes ao trabalho docente e a outra se refere ao que a sociedade espera e atribui ao educador para além do que é próprio da profissão. Justamente neste “ir além” é que Esteves (1999) chama a atenção, denominado esse hiato, como sendo o processo de adoecimento dos educadores, ou seja, o espaço onde se manifesta o mal-estar docente, indicando que algo, ainda não muito claro, não está bem. Caracteriza-se por

fatores estressores provenientes da rotina do professor, ocasionando abalos à saúde do docente, como depressão, ansiedade entre outros, assim se refere Esteves “um conjunto de consequências negativas que afetariam o professor a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência” (ESTEVES, 1999. P. 57). Pode-se estimar alguns efeitos do mal-estar docente no trabalho e na vida do profissional, alguns deles apontam para a direção profissional, envolvendo o desencantamento com a profissão, onde se revelariam comportamentos e posturas de ansiedade, angústia, stress e desânimo, levando ao abandono da docência em alguns casos (CABRAL, SILVA, 2019). De outro, os efeitos na vida pessoal, fazendo com que estas sensações e desajustes afetem de forma indelével a vida pessoal.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Do movimento de tratamento e organização dos dados passamos a construir um processo de sistematização que nos permita analisar os resultados obtidos. Do conjunto de trabalhos selecionados (26 no total) foi possível delimitar três grandes categorias, quais sejam: Política Educacional e a Instituição Escolar, Condições de Trabalho Docente e Saúde e Trabalho.

Quadro 1 – Distribuição dos trabalhos por categorias

Eixo Temático	Fatores	Autor/Ano
Política Educacional e a Instituição Escolar	Tarefas burocráticas; Inexistência de leis específicas a higiene do trabalho docente; Precarização do trabalho; Avaliações externas; Baixos salários; Variações do papel do professor; Inclusão; Exclusão dos professores readaptados	MONTEZUMA, Luci Fátima (2016) SILVA, Ailton S. da (2017) NERY, Gabriela R. (2016) MUNIZ, Gardenia O. (2018) FERREIRA, Gisele N. (2017) MEIRELES, Janaína B. (2019) OLIVEIRA, Michele F. (2015) OLIVEIRA, Sienna C. (2016) TOLFO, Silvia R.B. (2017)
Condições de Trabalho Docente	Exaustiva jornada de trabalho; Violência escolar; Falta de perspectiva do futuro; Imposições da direção; Falta de autonomia; Desmotivação dos alunos e famílias; Falta de autoridade; Situações de insatisfação; Dificuldade em adaptar o conteúdo à realidade do aluno; Falta de coletividade.	RODRIGUES, Ana Paula (2015) PEREIRA, Antônio Igo B. (2016) COSTA, Cleytom G. da (2018) GREGORIM, Cristiane P. (2016) COSTA, Diana P. (2019) ROCHA, Érika S. (2017) MOMBACH, Lauri A. (2015) CARVALHO, Márcio H. de (2015)
Saúde e Trabalho	Depressão;	PEREIRA, Juliana Martins. (2017)

	Síndrome de Burnout; Doenças ocupacionais; Exaustão emocional; Trabalho em sala de aula desencadeando problemas mentais; Medicalização.	DEBASTIANI, Valdemir José. (2017) POLTRONIERI, Cristiane N. G. (2018) PENA, Davi P. (2017) SANTIAGO, Jonatas S. (2019) SILVEIRA Valéria da S. (2019) SOARES, Manoel Messias F. (2018) CAETANO, Leticia Farias (2017) LEITE, Natália Costa (2018)
--	---	---

Elaboração dos autores

Na sequência são apresentados e discutidos cada um dos eixos. Ainda que consideremos o fato de que os temas/eixos não se distanciam de forma clara uns dos outros, mas mantenham uma forte interconexão, apresentamos, por questões didáticas, a discussão articulada em torno destes três eixos.

Política educacional e instituição escolar

Desde realidades distintas, localizamos pesquisas que contemplaram grandes centros urbanos como é o caso do estado de São Paulo (MONTEZUMA, 2016; NERY, 2016; FERREIRA, 2017) e de Manaus (OLIVEIRA, 2016), do estado da Bahia (MUNIZ, 2018), assim como realidades de cidades do interior do estado do Rio grande do Sul (SILVA, 2017; MEIRELES, 2019; TOLFO, 2017). Outro estudo centrou em realizar uma revisão de literatura sobre o tema (OLIVEIRA, 2015).

Observamos certa ênfase nos resultados de pesquisa onde as péssimas condições de trabalho, a precarização da profissão, expressas nos baixos salários e na falta de reconhecimento acabam promovendo situações de mal-estar docente. Montezuma em sua pesquisa assim sintetiza seus achados:

[...] os estudos sinalizam o desconforto das professoras frente à precarização profissional sentida no trabalho docente, o desconforto com os processos avaliativos, tanto do desempenho da escola, quanto dos educadores, o que as deixa com receio sobre como será o destino desta categoria no futuro e, algumas vezes, até com um certo mal-estar docente. (MONTEZUMA, 2016, p. 303).

Silva (2017) agrega desde os resultados de sua pesquisa que para além destes fatores a fragilidade nas relações interpessoais e a valorização de seu trabalho rotineiro por parte das equipes diretivas asseveram certa predominância, uma vez que quando isso não ocorre acaba por provocar desânimo e desmotivação para levar o trabalho adiante. O excesso de trabalho aliado à ausência dos pais na escola também foi citado como pontos que dificultam a relação professor-trabalho e professor-aluno, contribuindo para aumentar o empenho no trabalho.

No campo das políticas de reconhecimento da profissão docente a avaliação realizada por Nery (2016) é no mínimo intrigante e, ao mesmo tempo, elucidativa de uma situação particular no Estado de São Paulo. Assim reporta o autor:

Referente à carreira o desafio de superar este fator desencadeador de mal-estar é grande uma vez que o governo paulista atribui aos professores um plano de carreira impossível de ser atingido plenamente e que não transfigura em valorização profissional, neste sentido a mobilização dos professores para melhoria salarial e de condições de trabalho têm sido frequente, no entanto, apesar de todo o desgaste as demandas dos professores não têm sido atendidas. (NERY, 2016, p. 69).

Outro estudo realizado com professores em uma cidade no interior do Estado do Rio Grande do Sul a pesquisadora sintetiza da seguinte maneira um de seus achados de pesquisa:

Na questão salarial houve um percentual de 100,0% de insatisfação, ou seja, descontentamento geral dos professores pesquisados. Também há baixo investimento na educação continuada do docente, e 40% dos professores afirmam que são desvalorizados. (OLIVEIRA, 2016, p. 191).

O que observamos, é uma insatisfação com os rumos que a profissão docente tomou, quase que indicando poucas alternativas ou soluções desde o ponto de vista do avanço da categoria no que se refere a ganhos reais que traduzam o reconhecimento profissional. Ou seja, ainda que aludido em duas realidades (SP e RS) nestes estudos em análise, a insatisfação com os benefícios salariais são elencados como preocupação e desmotivação no trabalho na profissão. De outro lado percebemos certa cobrança social para a instituição escolar e seus profissionais no sentido de sentirem a obrigação de responderem de forma proativa na solução de problemas sociais, como são os casos da violência, das condições de famílias em situação de vulnerabilidade social que por sua vez acabam afetando diretamente o bom desempenho desses profissionais no âmbito da ação educativa. Nesta direção Muniz aponta: “Os professores estão imersos em muitos dilemas no espaço de trabalho e são apontados, pela sociedade, pelo poder público e pela comunidade escolar, como os maiores responsáveis em resolver os problemas da educação” (2018, p. 112).

Michele Oliveira (2015) realiza uma revisão de literatura sobre o tema do mal-estar docente, tomando como referência estudos veiculados em periódicos classificados como A1 e nos trabalhos publicados na ANPED, delimitando o período de 2004 a 2014. A autora constatou que “[...] os dados demonstram um alto número de professores e casos de adoecimento através de dados estatísticos e uma grande quantidade de professores com licenças e atestados médicos por questões de doença.” (OLIVEIRA, 2015, p. 94). Os estudos referendam as precárias condições de trabalho do magistério, a desvalorização da profissão via os baixos salários de um

lado e de outro indica que no campo dos estudos pode se observar avanços, sendo que vários estudos passaram a analisar justamente que condições de trabalho são estas denunciadas pelos educadores ou seja: “os enfrentamentos dos docentes ante a sua realidade e não apenas as patologias ou os possíveis adoecimentos” (OLIVEIRA, 2015, p 94). Justamente, este é um dos eixos que delimitamos para continuar a nossa análise neste trabalho.

Condição de trabalho docente

Neste eixo, oito trabalhos foram localizados, que se desdobram em duas direções, a primeira delas reforça o lugar do professor na sociedade, um lugar em que o reconhecimento social e profissional é algo distanciado e, de outro lado, o fato de que a exposição a situações de risco torna-os vulneráveis, inclusive a sofrer atos de violência física por parte de alunos. Estima-se que o efeito destas experiências na docência reduz o potencial da força de trabalho, levando igualmente ao desânimo. Este conjunto de estudos reforça esta linha de argumentação desvelando situações cotidianas e aportando exemplos que elucidam a compreensão das chamadas condições do trabalho docente.

As condições de trabalho do professor estão atreladas ao ambiente físico da escola e às relações entre os pares, com os alunos, com as famílias dos mesmos e com a direção, entre outros. São fatores que exigem várias atribuições desse profissional, gerando estresse e desencanto com a profissão.

A pesquisa realizada por Rodrigues (2015) destaca como exemplo destas situações o fato de “[...] que a ausência das interações mais duradouras, das parcerias e do trabalho coletivo, favorece o isolamento do professor e geram dificuldades que podem provocar o mal-estar docente.” (p. 65). Pereira em outro estudo também assevera:

Os professores, relataram que impossibilitados de se proteger adequadamente e sem poder contar com o apoio da família, da justiça, ou mesmo do sistema educacional, encaminham os casos de violência, dos triviais aos mais graves, à coordenação ou à direção da escola para que providências sejam tomadas, ou, a depender da situação, recorrem à intervenção da polícia, como nos casos de brigas generalizadas, de porte de armas ou drogas e de tentativas de assassinato. (2016, p. 237).

Interessante perceber o quanto o trabalho de pesquisa pode contribuir para uma melhor compreensão destas condições. As atividades rotineiras e que não são de domínio público vão sendo explicitadas, ou seja, o que é de contato reduzido ao público externo à escola, torna-se mais bem visibilizada em situações, tais como:

As aulas e demais atividades que a compõem, como o planejamento das mesmas, o preparo e correção das avaliações de verificação da aprendizagem, o acompanhamento e estratégias diversificadas às dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, podemos perceber a sobrecarga do trabalho docente. (RODRIGUES, 2015, p. 66).

Estes são aspectos e dimensões que impelem o profissional da educação trabalhar fora de seu horário, formal, obrigando-o a usar do tempo de lazer para cumprir com suas funções profissionais. A rotina do trabalho de um docente que atua na educação básica remete, em grande medida, para um tipo de exigência que extrapola inclusive a sua própria capacidade de gerenciar seu próprio tempo. É Rodrigues quem nos alerta para o seguinte:

[...] a superlotação de alunos em uma sala de aula pode acarretar ao trabalho dos professores dificuldades metodológicas até para se fazer ouvir, sentindo-se no final da aula, exaustos, muitas vezes insatisfeitos e frustrados por não ter sido possível alcançar os objetivos esperados com a turma (2015, p. 67).

A tese de Pereira (2016) objetivou investigar as ligações existentes entre desautorização e violência escolar contra o professor, em uma instituição de educação básica na cidade de Rio Branco (AC) e identificar seus possíveis efeitos no trabalho docente. Conforme Pereira (2016) e Mombach (2015), para além de agressões físicas, os professores também relataram a incapacidade para poder criar estratégias de proteção adequadas e efetivas que garantam sal segurança no exercício do magistério. Aliada a estas manifestações a pesquisa permitiu constatar que são denunciadas as condições da profissão e sua precarização, assim infere a pesquisadora: “às falhas e limitações em seus processos formativos (inicial e continuado), aos baixos salários que recebem, à grande responsabilidade que lhes é atribuída e ao pouco prestígio que têm junto aos alunos, às famílias e à sociedade em geral” (PEREIRA, 2016, p. 238). Para além destas denúncias é comum observar que outras são traduzidas nos relatos, tais como: “a extensa jornada de trabalho que precisam cumprir diariamente, o pouco tempo de que dispõem para preparar as aulas, a rotina estressante e desgastante que enfrentam a escassez de materiais e equipamentos das escolas, a ineficiência do apoio pedagógico (...)” (PEREIRA, 2016, p. 238).

Outro estudo de igual maneira chama a atenção nesta direção enfatizando: “Acerca dos condicionantes do mal-estar docente, foi verificada uma concentração de fatores relacionados à carga horária laboral e às possíveis deficiências estruturais e organizacionais da escola

pública.” (COSTA, 2018, p. 68).O autor ainda salienta “[...] a necessidade de combater a naturalização de condições negativas ao serviço docente.” (COSTA, 2018, p. 69).

Afastando de uma perspectiva de culpabilização do professor, é que formar, rever, repensar, compreender e discutir a subjetividade docente pode contribuir para diminuir a angústia e o sofrimento, pois, conhecendo as expectativas acerca da profissão e de sua atuação, os docentes poderão lidar melhor com as situações cotidianas. (COSTA, 2019, p. 72).

Por outro lado, cabe o alerta realizado por Carvalho (2015), de que: “A profissão de professor ainda vive a idealização do romantismo, que o docente é detentor de um conhecimento mais elevado e que por isso seria tratado melhor, mas o que se tem na realidade é uma categoria que está sendo relegada ao proletariado” (CARVALHO, 2015, p. 103).

Sobre as condições do trabalho docente observamos que há alguns avanços, principalmente desde a perspectiva da preocupação que se volta para descortinar que condições são estas que os trabalhadores da educação estão a denunciar. Duas questões se colocam aqui: de um lado o que é próprio do exercício da profissão? O que faz parte do trabalho do professor? Que competências ou habilidades ou que formação pode contribuir para formar ou preparar um profissional que possa responder aos desafios que o cotidiano escolar revela? Neste último aspecto, duas direções podem ser pensadas, uma primeira que aponta para a formação específica no campo de conhecimento, portanto, daquilo que conforma a ação do educador e do qual se espera respostas desde o âmbito epistêmico (conhecimento próprio da área) até as questões de uma ação que se pauta pelo domínio técnico de conduzir a ação educativa em diferentes realidades. A segunda direção, bem menos romântica do lugar do professor como profissional, é pensar as razões que mobilizam a escolha por este campo de atuação e que acabam reverberando no desempenho da profissão (GREGORIM, 2016;). Não é novidade a presença de educadores atuando na área em que os critérios de escolha pela profissão não foram pautados por objetivos claros e de encontro a uma escolha genuína pela profissão. Este é um outro modo, que nos aparece, poderia ser tratado o problema do mal-estar docente e que as pesquisas até o momento parecem não desvelar.

Saúde e trabalho

Neste eixo o que observamos para além do que as pesquisas analisadas nos itens anteriores foram revelando, como é o caso da violência, turmas com elevado número de alunos, professores com jornadas intensas de trabalho, considerando os baixos salários na profissão, os

poucos ou nenhum recursos e condições de trabalho, assim como a indisciplina e a violência em sala de aula e no ambiente escolar, somam-se a este grupo de características, outras que associamos diretamente com a saúde na relação com o exercício da profissão.

A falta de espaço para troca entre colegas é uma das evidências que alguns dos trabalhos indicam (DEBASTIANI, 2017; PEREIRA, 2017). A tese apresentada por Pereira (2017, p. 158) aponta segundo a pesquisa os professores “[...] se ressentem de tempo e espaço adequados para conversar com os colegas e planejar atividades diferenciadas.” Outro fato importante: “Mais da metade dos professores participantes afirmou ter desenvolvido alguma patologia desde que ingressou na carreira [...]. (p. 160). Caetano (2017) em seus estudos também chama a atenção para o fato de que “alguns fatores de ordem social estão sendo revertidos para o âmbito da medicina, passando a ser entendidos como uma doença que precisa ser tratada e curada, produzindo um processo de medicalização e biologização da vida” (p. 124).

Aliam-se a questão da formação continuada dos profissionais da educação, outros aspectos que ampliam as preocupações quando se pensa o trabalho docente. Dentre estes aspectos estão: a melhoria do ambiente de trabalho, as inter-relações pessoais e os aprendizados no cuidado de si. Aqui seguramente se observa uma espécie de aposta no resgate do lugar do trabalho como fonte geradora de vida e não como espaço que mata. O estudo de Debastiani (2017) apontou estratégias que caminham na direção de apostar em humanizar o trabalho docente, apostando na: “formação no sentido de melhorar os ambientes de trabalho (administração de conflitos) e também para orientação, para que os educadores desenvolvam o cuidado de si como pessoas humanas [...]”. (p. 92).

Esta não tem sido uma preocupação que faça parte dos projetos e programas que são comumente encontrados nas formações continuadas. Silva e Machado (2021) amparados em um significativo conjunto de autores enfatizam o quanto os estudos precisam romper a perspectiva diagnóstica, tão presente nas pesquisas no contexto brasileiro e partir para a avaliação e acompanhamento ou até mesmo, a proposição de programas formativos que dialoguem de modo direto com as necessidades do grupo de educadores para o qual é pensada a formação em questão.

Dentre os estudos analisados, o trabalho de Costa (2019), Debastiani (2017), Pena (2017), Santiago (2019) e Soares (2019) deixam indicações de como pode o trabalho formativo ganhar um maior sentido. Costa indica: “[...] oficinas de caráter psicossocial com o intuito de trabalhar com os professores as noções de bem-estar e mal-estar docente, bem como suas causas

e condicionantes socioculturais, em especial em contextos de vulnerabilidade social (p. 72). Nesse mesmo sentido Debastiani (2017), acrescenta: “Desenvolver atividades e processos formativos que atendam à saúde mental do professor [...]em meio a situações de alienação e estresse necessita-se que se apresentem contrapropostas com vistas à emancipação do trabalhador docente” (p.92).

Pena (2017 e Santiago (2010) reforçam que o trabalho formativo deve partir desde o contexto da escola e de seus sujeitos protagonistas, demarcando suas necessidades e de como qualificar essa atuação desde este espaço. No campo da literatura desde a década de 90 do século passado vêm-se se insistindo em reconhecer o professor como um sujeito que pode construir suas alternativas, uma vez que condições sejam proporcionadas. Quanto menos isso é viabilizado, mais se observa a busca por soluções de caráter individual, distanciando-se de um trabalho que enfrenta um problema que é de uma categoria, a busca por soluções individualizadas acaba remetendo, em grande parte, para o professor a responsabilidade e por conseguinte a culpabilização das condições de trabalho. Assim se refere Santiago (2019) ao aludir ao potencial do: “desenvolvimento de competências emocionais como mecanismo de enfrentamento das diversas demandas oriundas da escola pública que se quer de qualidade para os nossos filhos e gerações vindouras” (p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comprometimento da saúde dos docentes é um fator que emergiu com ênfase entre as pesquisas analisadas. Dentre os resultados dos estudos salientamos: saúde ocupacional, sintomas mentais, depressão e medicalização.

Observamos que o discurso da responsabilização, eficiência e eficácia atinge a subjetividade do professor, minimizando ou anulando a satisfação profissional. O que deveria ser uma competência sustentada por habilidades desenvolvidas em um movimento de profissionalização e profissionalidade tornou-se um retrocesso, associando, em boa medida, o trabalho docente a um tipo de trabalho que se centra em atingir metas e obter resultados. Em consequência desses ditames, observamos paulatinamente um crescente número de profissionais adoecendo, por outro lado e não menos preocupante, é a naturalização com que essa condição é percebida.

Os estudos sinalizam que a forma como a estrutura educacional está organizada corrobora para que o profissional da educação tenha que desenvolver suas funções sob condições inadequadas, pois os mecanismos que ocasionam a exaustão dos docentes podem estar mascarando objetivos de interesse econômico. Tal realidade impõe aos educadores uma função meramente produtiva e reprodutiva, deixando à margem o potencial intelectual inerente ao trabalho docente.

A aposta em uma formação continuada de professores, que em franco diálogo com os avanços que a pesquisa neste campo em particular vem apontando, assegura de forma clara, o quanto o reconhecimento do trabalho intelectual do profissional da educação reverbera positivamente no reposicionamento deste profissional no espaço em que atua. De outro lado, o diálogo empreendido em espaços acolhedores, onde a horizontalidade se impõe como um princípio formativo indica o quanto é possível a desconstrução de projeto e programas formativos que se pautem por ações verticais. A questão que emerge de modo acentuado neste estudo é quanto o ambiente da escola pode e deve ser considerado desde suas especificidades e ser “tratado” desde suas particularidades que apontam para um espaço de profissionalização da profissão, muito mais do que transformar em pequenas células curativas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Signatura Rerum**. Sobre o Método. Trad: Andrea Santurbano e Patricia Peterle). São Paulo: Boi Tempo, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CABRAL, Livia Torres; SILVA, Mardem Michael Ferreira da. PENSANDO A DOCÊNCIA PARA ALÉM DA REPRESENTAÇÃO COMUM: uma discussão sobre profissionalidade, identidade docente e reconhecimento social. **Debates em Educação**, Maceió, Vol. 11, Nº. 24, Maio/Ago. 2019. P. 51-65. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/7173/pdf> Acesso em: 06 mai. 2021.

CAETANO, Leticia Farias. **“No que você está pensando?”: o discurso do mal-estar docente produzido no facebook e a fabricação dos modos de ser professor na contemporaneidade**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

CARVALHO, Marcio Henrique de. **O mal-estar na educação a natureza do trabalho docente entre o sofrimento e o ressentimento**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

COSTA, Cleyton Galeno da. **Mal-estar docente: vulnerabilidades ao adoecimento e estratégias de enfrentamento**. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunidade) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

COSTA, Diana Pereira. **Resiliência, resistência e tensão: estratégias psicossociais de professores para o enfrentamento do mal-estar docente**. 2019. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DEBASTIANI, Valdemir Jose. **Mal-estar docente e síndrome de burnout: uma análise à luz da teoria da alienação de Marx**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2017.

ESTEVES ZARAGOZA, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Gisele Nepomuceno. **Professores readaptados em um município do litoral norte de SP: mudanças e conflitos em sua identidade profissional**. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

GORZONI, Sílvia De Paula; DAVIS, Claudia. O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1396-1413, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1396.pdf> Acesso em: 06 Mai. 2021.

GREGORIN, Cristiane Pinholi. **Um olhar sobre o mal-estar docente na perspectiva da contemporaneidade**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

LEITE, Natalia Costa. **O mal-estar do professor de língua inglesa: o desvio de função como aposta subjetiva**. 2018. 160 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MEIRELES, Janaina Barela. **Trabalho, saúde e gênero das professoras de Educação Infantil da Região Sul do Rio Grande do Sul**. 2019. 61 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MOMBACH, Lauri Alfonso. **A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente: um estudo na rede municipal de educação de Sapucaia do Sul (RS).** 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015.

MONTEZUMA, Luci Fatima. **Entre fios e teias de formação: narrativas de professoras que trabalham com matemática nos anos iniciais – constituição da docência e os desafios da profissão na educação pública estadual paulista frente aos programas de governo no período de 2012 a 2015.** 2016. 327 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

MUNIZ, Gardenia Oliveira. **Narrativas de professores de ciências sobre o mal-estar docente: trajetória, adoecimento e permanência.** 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2018.

NERY, Gabriela Rodrigues. **A docência no ensino médio: motivações e expectativas de professores de química.** 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de. **Trabalho e saúde do professor nas pesquisas em educação.** 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, Siene Cunha de. **Responsabilidade estatal por danos ao meio ambiente do trabalho do professor: o ensino fundamental e médio na rede estadual de ensino na cidade de Manaus.** 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental) – PPGDA, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2016.

PENA, Davi Barbosa. **Mal-estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas.** 2017. 60 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

PEREIRA, AntonioIgo Barreto. **Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os malestares no magistério.** 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PEREIRA, Juliana Martins. **Percepções de professores do ensino médio: as forças coercitivas no ambiente escolar e a relação com o mal-estar docente.** 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.

POLTRONIERI, Cristiane do Nascimento Goncalves. **Percepções sobre o mal-estar docente dos professores de ciências naturais e matemática no ensino médio.** 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2018.

ROCHA, Erika Silva. **Subjetividade de professoras da educação infantil: uma abordagem histórico-cultural da saúde mental docente.** 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

RODRIGUES, Ana Paula. **O mal-estar docente no contexto escolar a partir da percepção dos professores.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015.

SANTIAGO, Jonatas Silva. **Educação emocional, mal-estar e identidade docente: discutindo sobre a docência em uma escola pública em tempo integral.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, Bahia, 2019.

SILVA, Ailton Souza da. **Bem-estar na docência: estratégias de enfrentamento dos docentes de uma escola pública no combate ao mal-estar docente.** 2017. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade de Cruz Alta, 2017.

SILVEIRA, Valeria da Silva. **“Eu sou escola!” Temporalidades e tensões: o discurso docente e seus rumores.** 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOARES, Manoel Messias Feitosa. **Linguagens que indicam fatores de adoecimento psicológico, depressão e ansiedade, nos docentes do município de Rio Branco – Acre.** 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

TOLFO, Sílvia Regina Basseto. **Organização do trabalho escolar e o mal-estar dos professores: o desafio de integrar pessoas.** 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.